

"HORS DES HEURES DU JOUR..."

Iracema KUHLMANN**

ATOS DE RESISTÊNCIA NA VIDA E NA OBRA DE MOLIÈRE

De acordo com Roland Barthes, citado numa das comunicações deste Colóquio, "a narratividade impregna todos os atos da vida humana". Muito embora pouco se tenha de registro sobre a vida pessoal de Molière, é difícil ignorá-la tratando apenas da sua obra. Tendo sido autor, foi, antes e ao mesmo tempo, ator, diretor, encenador e empresário de seu teatro e, também, personagem manifesto e oculto, em suas comédias: *La Critique de L'École des Femmes* e *L'Impromptu de Versailles* (1968) - impregnando com os seus atos de **resistência** todas as **narrativas** de seu tempo e no decorrer do tempo, que se fazem em torno de sua obra viva e vivida. Obra de teatro por ele escrita como autor, encenada como ator, diretor e empresário, junto ao seu posicionamento quanto à repercussão, críticas, interdição e empenho na apresentação lida e representada das suas obras.

De diferentes relatos que compõem a vida e a obra de Molière, destacam-se dois episódios que exemplificam alguns de seus principais atos de **narrar e resistir**; o primeiro que compreende as seqüências infância-juventude, corresponde a: perda da mãe; planos do pai para Jean Baptiste Poquelin;

* Esta expressão "hors des heures du jour..." (Gassner, 1974, p. 5) é o **leitmotiv** desta minha comunicação para este Colóquio; seu significado pertence ao final da narrativa, que ora se inicia.

** Aluna do Programa de Pós-Graduação.

resistência e autodeterminação de Molière; o segundo episódio compreende as seqüências: reconhecimento, ataques, consolidação e resistência de sua obra.

No primeiro episódio, já se vêem irromperem os primeiros atos de **resistência** de Jean-Baptiste Poquelin no quadro familiar, opostos à programação e às expectativas de seus pais ligadas à sua formação e ao seu futuro. Jean Poquelin, seu pai, “pensara assegurar-lhe um futuro decente” ao comprar o cargo de “estofador ordinário del-Rei, transmissível ao filho”, que começara a frequentar a Corte a partir dos nove anos (Rónai, 1981, p.10). No entanto, em casa, Jean-Baptiste já começara a bosquejar a sua atuação na arte que o denomina e domina toda a sua vida. Para desespero de sua mãe, passa a remedar o sacerdote que a assistia, utilizando-se da mímica (Gassner, 1974, p.334), dando início, assim, à **narrativa** da sua vocação histriônica e aos precedentes de sua carreira com atos de **resistência**, conscientes ou não.

Além da influência da Corte, quando perde sua mãe, aos dez anos, é colocado no Colégio Clermont, por seu pai, “junto aos filhos das melhores famílias”, passando em seguida para a Faculdade de Direito, “mas não sentindo atração pela carreira jurídica, nunca usará o diploma. Seria lógico que abraçasse a honrosa e lucrativa carreira paterna; mas para surpresa de todos, liga-se a uma família de atores (...) e com eles” inicia sua carreira na arte do teatro, “assumindo o nome de Molière, para não deslustrar seu pai” (Rónai, 1981, p.10). Mas ainda está sob a influência paterna, pois sendo preso por dívidas, por ele é resgatado pois, quem sabe, esperava que o filho retomasse alguma das programações que delinearara para a sua vida; ou, numa outra conjectura, com essa atitude, estaria mostrando respeito à **resistência** de seu filho em **narrar a** própria vida, fazendo suas próprias escolhas. Molière **resiste** à sua própria formação acadêmica, à influência e às expectativas de seu pai, de quem agora se afasta, saindo de Paris com sua companhia de teatro, para percorrer, por treze anos, grande número de cidades da França.

Assim, esse episódio de sua vida mostra seus primeiros atos de **resistência**, nessa primeira instância, às prerrogativas conquistadas por seu pai e pertencentes à tradição da família: não segue a carreira de tapeceiro do rei, não segue a carreira de advogado, para seguir, por sua autodeterminação, a carreira de artista múltiplo - ator, dramaturgo, diretor, encenador e administrador dessa arte múltipla, a Arte do Teatro.

Nesse **intermezzo** entre o primeiro e o segundo episódio, o ator estabelece-se “no difícil negócio de criar uma bem-sucedida companhia ambulante (...) e sua carreira de ator ganhou pleno impulso” (Gassner, 1974, p. 335-336), no decorrer desses anos de perambulações pelas províncias, quando produz as suas *pièces de résistance* *L'Atourdi (O Aturdido)* e *Le Dépit Amoureux (O Despeito Amoroso)*, com as quais irá conquistar Paris. “Deve o seu primeiro e decisivo êxito e a compreensão das necessidades do teatro, ao seu contato com a vasta massa do público” (Hauser, 1980, p.596).

O segundo episódio relata alguns exemplos da resistência de Molière, com as seqüências sucesso-ataques-resistência, correspondentes a *L'École des Femmes*, *Le Tartuffe*, *Don Juan* e *Le Malade Imaginaire*. Inicia-se com a volta triunfante de Molière a Paris, em 1658, apresentando-se diante do rei, Luís XIV, já garantindo seu lugar na Corte. Em 1662, depois de assistir a *L'École des Femmes*, o rei concede uma pensão a Molière, contra quem desencadeia-se uma campanha de difamação à qual ele **resiste** pondo em cena *La Critique de L'École des Femmes* e *L'Impromptu de Versailles*, somando-se a essas réplicas a **resistência** do rei em forma de proteção. Toda a querela serviu como promoção da comédia, pois tornava-se necessário assistir a ela tanto para atacá-la como para defendê-la; ela **resiste** à Mídia da época, tendo sido encenada setenta e sete vezes e também ao tempo, no decorrer desses trezentos e trinta e três anos.

No prefácio de *Tartuffe (Tartufo)*, em 1669, Molière refuta os ataques de seus opositores acrescentando características ao personagem Tartufo, contrapondo-o aos mesmos como espelho e criando um suposto personagem oposto, o qual torna subentendido no texto: o personagem Tartufo “com sua palavra e seu gesto caracteriza a si mesmo e seu oposto” (Molière, 1964, p. 230). Molière fala dos signos gestuais de sua peça - “olhadela (...) sacudir de cabeça (...) passes” - referindo-se ao modo como esses “hipócritas poderosos” os leram; defende-se e à sua obra, informa e forma o espectador ao indicar esses signos teatrais e a possibilidade de leituras diferentes quando se trata da peça e quando se trata do espetáculo, procurando demonstrar que, sentindo-se os hipócritas retratados nessa comédia, ao reagirem, eles mesmos se denunciam. Em *Le Tartuffe*, Molière coloca em confronto alguns valores parciais defendidos pelos detentores do poder eclesiástico; é proibido por “instâncias da poderosa Companhia do Santo Sacramento” não faltando quem reclamasse a

fogueira para o autor. Sofre várias interdições mas **resiste** e a peça é reencenada cinco anos após a sua primeira apresentação (RONAI, 1981, p.27-28).

Don Juan é interdita em 1665 após quatorze representações, por atribuírem ao autor o ateísmo e o cinismo professados pelo protagonista. Mas será reencenada 174 anos após e, agora, em 1995, *Don Juan* é “considerada a peça mais moderna de Molière (...) por seu tema que ultrapassa de longe o contexto de sua época - o séc. XVII - e seu espaço (...) a peça se passa em todo lugar e, também, (...) por sua estrutura, que foge ao esquema clássico (...) Molière soube utilizar - o que e ainda é muito moderno - o teatro como um contra-poder. Contra os poderes, no plural, que se cruzam na sociedade, o poder da moda, da religião, da elite intelectual, das classes em ascensão, dos médicos, etc (...) O único poder que ele não pôde criticar, evidentemente, é o do Rei” (Miquel, 1995, p.8-9).

Em *Le Malade Imaginaire*, como autor e ator ataca a ineficiência da maioria dos médicos. Durante a sua quarta apresentação, Molière desfalece no palco, vindo a falecer pouco depois (Rónai, 1981, p. 55). Mesmo assim, a animosidade do poder eclesiástico - agora, em destaque, um exemplo da resistência de seus adversários - não o poupou; resistindo com ele, Luís XIV precisou intervir para que lhe fosse concedido um enterro cristão; o arcebispo acaba, por fim, autorizando a sepultura religiosa mas “sem nenhuma pompa, hors des heures du jour”(Gassner, 1974, p. 5). Apenas uma multidão, carregando velas, acompanhou-o silenciosamente, numa demonstração de **resistência** da pessoa e da obra de Molière no gosto do público, contra as determinações eclesiásticas.

Molière se confunde com a sua obra, pela qual lutou e **resistiu** e ela **resistiu** no tempo e no espaço. Os significados mudam conforme mudam o tempo e o espaço. As leituras de uma obra, muito embora obedeçam a sua sintaxe, diferem, subvertem, traem as mensagens, são construções de outros textos. O que se pode encontrar de permanente na obra de Molière a cada montagem, a cada encenação? O que **resiste** nos seus textos, penso que é uma chamada, um incitamento, para o olhar e a reflexão crítica sobre as aparências, as máscaras que cobrem as estratégias ilusionistas de detentores do poder, dos falsos valores que desumanizam as relações e disfarçam os diferentes pesos e medidas, pendendo um dos pratos da balança da justiça, apenas para um lado, o

que mais atende a interesses escusos - fator de desequilíbrio da estrutura social - dessa mensagem, desse toque, ao qual é difícil escapar.

Se o objetivo da Comédia é fazer rir, é divertindo que ela educa, segundo Molière. Mesmo “hors des heures du jour”, a procura do discernimento e da verdade **resiste** contra a mentira e a corrupção (**saecula saeculorum**).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GASSNER, J. *Mestres do teatro*. Trad. de A. Guzik e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1974. v.1.
- HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. Trad. de Walter H. Geenen. São Paulo : Mestre Jou, 1980.
- LAUBREAUX, R. *Molière*. Paris: Seghers, 1973.
- MIQUEL, J. P. Entrevista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 mar. 1995. Caderno Mais, p. 8-9.
- MOLIÈRE, pseud. *La critique de L'École des femmes/L'Impromptu de Versailles*. Canadá: Larousse, 1968.
- RÓNAI, P. *O teatro de Molière*. Brasília : UNB, 1981.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Trad. coord. rev. por Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- BOSI, A. *Literatura e resistência*. (Palestra na Fac. Ciências e Letras de Araraquara em 9 ago. 1995)
- MOLIÈRE, pseud. *Oeuvres complètes*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964. v.1.
- MOLIÈRE, pseud. *Scènes choisies*. Paris: Larousse, 1961.

ROSENFELD, A. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

UBERSFELD, A. Métodos de análise, leitura e ensino do texto e da representação teatral. In: *SEMINÁRIO DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR, 1994, São Carlos. Anais...* São Carlos, Univ. Federal de São Carlos, 1994.